

DEDICATÓRIA



Este número da *PhaoS* é dedicado ao grande helenista José Cavalcante de Souza, que nos deixou neste ano de 2020. A seguir, apresentamos depoimentos de ex-alunos, hoje professores, a respeito da atuação do mestre.

É sempre lacunar e precário o que se pode escrever num momento assim, logo depois receber a notícia de uma grande perda. São os registros afetivos da memória que se impõem, desvinculados de regras rigorosas de coerência, lampejos de uma convivência sempre generosa, desde minha graduação, até o doutorado, sob sua orientação, e, depois dele, ao longo da vida. Jamais

deixei de notar, ao final de nossos encontros, sua abertura efetiva para escutar argumentos, recebê-los com grandeza, analisá-los entre uma baforada e outra de cachimbo, sorridente. Essa abertura tem a ver com o sentido verdadeiro da hospitalidade, que lhe era natural. Parecia herdar dos gregos sobretudo a disposição para a conversa, à qual se entregava com raro prazer nas visitas que Francisco Achcar e eu lhe fazíamos aos sábados, quando morava em Valinhos. Conhecia, pelo convívio contínuo, muitíssimo bem a literatura grega, indiferente às distinções escolares de gênero. Sob influência talvez de Heidegger, filósofo que admirava sobremaneira, não separava filosofia de poesia. Prezava o exercício da memória e lembrava de cor, mesmo em períodos recentes, passagens da *Iliada*, que retornou na última visita que lhe fiz, assim como Píndaro, outro autor de que era capaz de recitar estrofes inteiras, apesar de sua complexidade sintática. Desligava-se com facilidade de aspectos mais imediatos da vida, quando um tema o instigava ao debate. Seus alunos devem se recordar de episódios sobre sua distração para as coisas práticas. Platão era outra de suas paixões. Parecia considerar que nenhum tema estava suficientemente examinado, sempre à espera de uma retomada. Seu carisma decorria dessa abertura dialógica para a revisão de conceitos, teorias e pontos-de-vista. Certa vez, disse-me que estava fazendo exercícios para melhorar a visão, depois de ler um ensaio de Aldous Huxley sobre o assunto. Apreciava autores modernos que buscavam novos continentes. A pequenez mantinha-se longe dele. Parecia seguir uma via alternativa, colocar-se numa posição em que a tradição das grandes questões continuava a latejar. Talvez isso explique a notável jovialidade que o acompanhou até a idade cronologicamente mais avançada.

Trajano Vieira (IEL, Unicamp)

Farão falta a gentileza, a generosidade e a sabedoria do professor José Cavalcante de Souza. Os que foram seus alunos não se esquecerão de suas aulas luminosas. Lembro-me de um curso de pós-graduação sobre Píndaro: durante quatro meses, Cavalcante lia, com voz segura e expressiva, o texto grego das odes epinícias; depois, o traduzia, analisava, comentava. Nesses quatro meses, tivemos contato direto com o texto de um poeta maior. Todo estudante de grego sabe que Píndaro é muito difícil sintaticamente. Cavalcante, com sua lucidez, fazia-o simples (o que não significava banalizá-lo). Comecei a dar aulas muito jovem, em 1992. Cavalcante, sempre que nos encontrávamos, dava-me conselhos – de uma forma amigável, despreziosa. O teor de seus conselhos era mais ou menos este: ensine seus alunos a ler Homero, Píndaro, Sófocles; o principal é lê-los com os alunos no original; não caia na tentação de privilegiar a leitura de comentadores contemporâneos – que só

devem vir depois, em pequenas e seletas doses. E ele reiterava, enfático: “o mais importante é o contato direto com a palavra do poeta!”. Se hoje tenho algum valor como professor, devo-o em parte ao exemplo e aos conselhos do já saudoso Cavalcante.

Flávio Ribeiro de Oliveira (IEL, Unicamp)

“Vocês têm que se impregnar!” Era com essa frase, repetida várias vezes, que o professor Cavalcante pontuava suas aulas sobre Platão, para o primeiro ano do curso de Filosofia da Unicamp, em 1990. Ao longo de cada aula, após descrição entusiasmada do conteúdo dramático e filosófico de um diálogo, o professor Cavalcante sempre insistia no mesmo ponto (balançando a cabeça de cima para baixo, com uma frequência inimitável): como iniciantes, deveríamos ler, ler, ler e ler (muitas vezes): “vocês têm que se impregnar!” –se impregnar do texto platônico, em toda sua riqueza. Como se tratava do primeiro ano do curso de Filosofia, obviamente o professor não queria dizer que deveríamos ler, naquele momento, as obras de Platão já na língua original, em grego clássico. O que ele queria dizer é que, sem nos preocuparmos com análise precipitada e pedante em um momento inoportuno, deveríamos ler o texto –em qualquer tradução razoável que tivéssemos em mãos–muitas e muitas vezes, para poder compreender não apenas seu conteúdo filosófico, mas também suas sutilezas estilísticas, seus meandros narrativos, sua “atmosfera geral”, seu requinte estético e intelectual. Passados dois anos, o professor Cavalcante passou a organizar, com discentes de Filosofia, sessões de leitura do texto grego de Platão (e às vezes de Aristóteles). Nessa situação, os alunos e as alunas já tinham uma formação razoável em grego clássico (de quatro a seis semestres, dependendo do caso), sendo capazes de acompanhar a leitura de modo propício para a otimização de certas habilidades, como o reconhecimento de estruturas sintáticas recorrentes e o domínio preliminar do léxico. A frase que o professor Cavalcante então repetia era esta: “Vocês têm que ler, ler, ler, ler–vocês têm que se impregnar!”. Mas, neste caso, a mensagem já era precisamente esta: vocês têm que se impregnar do texto grego. O que ele queria dizer, exatamente? O que ele queria dizer é que a aquisição das habilidades que definem um leitor competente da língua devem emergir com naturalidade do próprio exercício de leitura: é lendo, afinal, que se aprende a ler. Domínio lexical, por exemplo, não emerge pela leitura de um dicionário–ninguém lê um dicionário como obra; dicionário é para ser consultado pontualmente. Tampouco atingimos (por exemplo) o domínio das regras da sintaxe do pronome relativo pela leitura das descrições conceituais que encontramos em gramáticas, por melhores que elas sejam. É pela leitura–

pelo traquejo na leitura—do próprio texto grego que passamos a dominar os vários modos pelos quais o grego clássico usa pronomes relativos.

As diversas ramificações dessa mensagem central eram sempre desenvolvidas pelo professor Cavalcante a partir de exemplos que surgiam na leitura. Se deparávamos com uma ocorrência de “γνωρίζω”, por exemplo, o professor sempre nos lembrava que há inúmeros verbos gregos para o fenômeno cognitivo (“οἶδα”, “γινώσκω”, “συνίημι” etc.), cada um deles com várias nuances e usos preferenciais. Mas, sobretudo, o professor acrescentava: é somente pelo traquejo de leitura que desenvolveremos a plena competência sobre essa diversidade. É claro que faz parte da formação consultar dicionários, consultar gramáticas, usar edições bilíngues, ler artigos especializados, escrever tabelas para sistematizar o léxico apreendido até determinada etapa do aprendizado, ou da pesquisa. Mas nada substitui a impregnação individual de cada um.

Um dos assuntos mais divertidos na minha formação como leitor de grego clássico foi a maleabilidade no uso dos pronomes relativos. Há o pronome relativo, há o antecedente do pronome relativo. Em português, uma dupla inseparável: por exemplo, “aquilo que”. Tente escrever algo, em português, omitindo o antecedente—por exemplo, em vez de dizer “aquilo que conhecemos é verdadeiro”, omita o “aquilo” e tente escrever a sentença abreviadamente, como “que conhecemos é verdadeiro”. Obviamente, o resultado é non-sense, e reprovação em qualquer prova básica que exija habilidade de redação. Em português, nem sequer passa pela nossa cabeça a idéia de que o antecedente do pronome relativo possa ser omitido. Do mesmo modo, mesmo depois de já se acostumar com a noção de “língua declinada”, nem sequer passa pela nossa cabeça a idéia de que o caso do pronome relativo possa ser atraído por um antecedente que foi omitido, em vez de concordar com a função sintática que o pronome desempenha na própria oração relativa.

Certa vez, o texto que líamos com o professor Cavalcante era o início da *Metafísica* de Aristóteles, 983a11-23. Lá, Aristóteles afirma que o objetivo da investigação é, sempre, consolidar-se na habilidade oposta ao estado de ignorância do qual partimos. Para o iniciante, é surpreendente ou espantosa a idéia de que algo, em geometria, possa não ser mensurável pela menor unidade. É que o iniciante ainda não conhece bem a natureza dos objetos em questão, nem domina as explicações apropriadas. Mas, para o geômetra já maduro, nada seria mais surpreendente ou espantoso do que a idéia de que a diagonal do quadrado pudesse ser comensurada com o lado. Após passarmos por esse trecho, comentei com o professor Cavalcante: antes do primeiro contato com a língua grega, nada poderia ser mais espantoso, ou monstruoso, que a idéia de que pudéssemos omitir o antecedente do pronome relativo e escrever “ὁ ἐπιστάμεθα” no lugar de “τοῦτο ὁ ἐπιστάμεθα” (pois seria como se disséssemos “que conhecemos” no lugar de “aquilo que conhecemos”). Mas,

para o leitor maduro, nada seria mais surpreendente ou espantoso do que um vacilo em relação a isso—seria algo verdadeiramente monstruoso se, diante de “ὁ ἐπιστάμεθα”, tivéssemos sempre que fazer uma pausa para perguntar “será que ‘ὁ ἐπιστάμεθα’ equivale a ‘τοῦτο ὁ ἐπιστάμεθα’, ou equivale a outra coisa?”.

O hábito faz uma segunda natureza—sendo o traquejo nada mais do que um hábito contínuo e controlado. Essa segunda natureza é a competência (ἔξις). O traquejo de leitura é que nos torna leitores competentes de grego, e ser um leitor competente é ler naturalmente os textos.

Essas são as memórias que guardo, preciosamente, do professor Cavalcante.

Lucas Angioni